



Ciência e meio ambiente:
urgências para o ensino
de jornalismo

22º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo
e IV Congresso de Jornalismo da Amazônia

De 25 a 28 de Abril de 2023

local: Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - Manaus/AM



RELATO

COMEÇAR PELAS CRÔNICAS: PRIMEIROS RASCUNHOS PARA A COMPOSIÇÃO TEXTUAL NO JORNALISMO INDÍGENA.

Ítala Clay de Oliveira Freitas
italaclay@ufam.edu.br

RESUMO

Este artigo visa a apresentação de reflexões acerca da experiência pedagógica na Oficina de Introdução às Crônicas no Jornalismo, ministrada na comunidade indígena Parque das Tribos (Manaus-AM), que teve o intuito de exercitar a narrativa de histórias pessoais e coletivas. Objetiva documentar os saberes constituídos e organizar pensamentos acerca das potencialidades da escrita criativa e das narrativas de si, em pesquisa no pós-doutorado, na Faculdade de Psicologia/UFAM. Justifica-se no enfrentamento da necessidade de se construir justiça cognitiva e social, e de se expor a preocupação com métodos de ensino para comunidades indígenas. Ampara-se teoricamente nos estudos da comunicação, na abordagem histórico-cultural, e na visão ecossistêmica. Os resultados apontam para a confirmação de que a crônica se apresenta como recurso eficaz na construção de um método que vise equilibrar as dimensões estética, ética e cognitiva quando se objetiva a escrita de narrativas para um jornalismo indígena.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo Indígena. Crônicas. Métodos de Ensino-Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

Este texto visa a apresentação de reflexões acerca da experiência pedagógica na realização da Oficina de Introdução às Crônicas no Jornalismo, ministrada em Manaus-AM, para a comunidade indígena Parque das Tribos, no mês de janeiro/2023, que teve por objetivo exercitar a narrativa de histórias pessoais e coletivas, com suas memórias e registros do cotidiano. Intenta cumprir dois objetivos: constituir-se como documentação dos saberes em construção, ao registrar as atividades desenvolvidas (com suas descobertas, afirmações e questionamentos), e organizar alguns pensamentos e inferências acerca de estudos sobre potencialidades da escrita criativa e das narrativas de si, em desenvolvimento no projeto de pesquisa de pós-doutorado, na Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (FAPSI-UFAM). Um investimento intelectual no enlace das áreas de humanas e ciências sociais aplicadas.

A ideia de realização da oficina provém do encontro pragmático desenhado nas linhas do tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão. Surgiu a partir da proposta de um projeto de ação extensionista, denominado Jornalismo Indígena, submetido à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Amazonas – PROEXT/UFAM, em 2022, o qual permitiu conexões entre as experiências com a prática pedagógica na docência em jornalismo (FREITAS, 2021; 2022), e a pesquisa atualmente desenvolvida no Laboratório de Desenvolvimento Humano/FAPSI-UFAM, acerca de processos criativos de escrita e construção de identidades no acompanhamento de trajetórias de estudantes.

A proposta surge com legitimidade sociocultural, sob demanda de autoria da comunidade indígena – em sua vontade de escrever seu próprio jornalismo, pautar suas notícias, dar a ver seu cotidiano e suas lutas políticas, bem como outras facetas de suas vivências. Ou seja, a comunidade solicitou as ações, protagonizou a iniciativa para os entrelaçamentos e a universidade se disponibilizou ao convite para uma troca de saberes na escrita de suas histórias. Visando então o alinhamento com tais demandas optou-se metodologicamente pelo uso das Crônicas como gênero textual de base, justificada por seu acorde conceitual e história construída nas práticas do jornalismo, bem como nos cruzamentos de linguagem com o texto literário, e a potência comunicacional derivada desses encontros.

Oferecer visibilidade a esse processo de ensino-aprendizagem, e dar ênfase às questões emergentes e reflexões pedagógicas tem por embasamento uma perspectiva epistemológica composta na esteira de pensadores preocupados com as questões sociais, e a premência de se realizar justiça cognitiva, tais como Edgar Morin e Boaventura Santos. Ambos convergem em suas intenções de alargamento de significação do conceito de paradigma científico para várias esferas da vida humana, e a necessidade de uma nova teoria do conhecimento, que seja combativa em relação às discriminações e desigualdades sociais vividas no contemporâneo. (LEMOS,2019; SANTOS,2019).

Adiciona-se a tal aporte teórico uma abordagem histórico-cultural e psicossocial, proposta por Vigostky (2000) e Urie Bronfenbrenner (2002). Em Vigostky, destaca-se as investigações acerca dos trajetos compartilhados pela

linguagem e o pensamento no percurso educacional, bem como o papel de mediação a ser desempenhado pelos professores. Em Brofenbrenner, busca-se compreender a configuração dos ecossistemas envolvidos no processo de desenvolvimento humano e o posicionamento da cultura midiática nestes sistemas.

A estrutura de exposição do conteúdo consiste, inicialmente, na apresentação do contexto (pressupostos históricos, geografia e afins) para em seguida identificar as questões metodológicas, seus procedimentos e o relato efetivo dos encontros em simultaneidade com os apontamentos teóricos.

2. PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS, SOCIOCULTURAIS E APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

O Parque das Tribos está localizado no Tarumã Açu, zona oeste da cidade. Nele residem cerca de quatro mil pessoas, distribuídas em 700 famílias, compostas por 35 etnias. De acordo com os relatos de Lutana Kokama, o espaço era uma área de cultivo utilizada por sua família, que chegou ao local em 1986, e que desde o início sobreviviam daquilo que plantavam na terra. Com o tempo, outras famílias indígenas foram chegando e o local foi se transformando em um espaço de acolhimento para aqueles que precisavam de uma habitação. Foi oficializado, em 2014, como o primeiro bairro indígena do Estado. Entretanto, do momento de sua criação até agora, já recebeu doze tentativas de reintegração de posse, todas sendo embargadas, pois foi comprovado que o território é de fato integralmente indígena. Em entrevista concedida às estudantes Isla Campos e Samara Souza, em maio de 2021, Lutana Kokama explica o início:

Eu comecei a ver as famílias que precisavam de moradia e fui deixando que elas ficassem por aqui. Mas antes da gente entrar aqui a gente não veio de qualquer jeito. A gente avisou aos órgãos e foi a Funai que disse que a terra era nossa por direito. Eu só precisava reunir 20 famílias que fossem indígenas, pra que conseguíssemos o documento de posse. (CAMPOS; SOUZA, 2021).

No decorrer dos anos alguns elementos básicos de infraestrutura foram conquistados: iluminação pública, água tratada, a criação do Centro Municipal de Educação Escolar Indígena, em 2015, e a criação, pelos próprios moradores do local, de uma Unidade de Apoio à Saúde do Povo Indígena (UASPI), em janeiro de 2021,

devido à pandemia de Covid. Neste mesmo ano também foi criado o Complexo Comunitário do bairro, resultado de uma parceria entre a Fundação Amazônia Sustentável e ONGS não governamentais. Denominado de “Maloca dos Povos Indígenas Parque das Tribos”, configurando-se como o espaço onde hoje acontecem os rituais, danças, festividades, cerimônias, o fomento ao turismo e a geração de renda.

É nesta “Maloca” que as ações do projeto Jornalismo Digital estão ocorrendo, e no qual foi realizada a oficina de Introdução às Crônicas no Jornalismo, em janeiro de 2023. O projeto teve início em 2022, quando o Mediação - Grupo de Pesquisa em Comunicação, Complexidade e Culturas formalizou uma proposta de extensão na PROEXT-UFAM, tendo por objetivo realizar oficinas de Jornalismo para a comunidade indígena do Parque das Tribos, e oferecer à comunidade informações básicas sobre o fazer jornalístico a fim de que pudessem assumir com autonomia, pensamento crítico, e habilidade técnica, a produção de suas notícias. Inicialmente, uma demanda proveniente da própria comunidade, que então solicitava a familiarização com o jornalismo e suas técnicas de produção de notícias para elaborar um jornal impresso. Na UFAM, o projeto está sob a coordenação do Mediação, com o apoio interno do Laboratório de Análise e Criação Multimídia da Faculdade de Letras e da Prefeitura do Campus, além da Faculdade Martha Falcão, com a profa. Sarah Batista e sua equipe de estudantes de Design.

2.1 Experiências in loco, escolhas metodológicas e aportes teóricos

No começo, um projeto de origem, formalizado na PROEXT-UFAM. Depois, na prática, as dificuldades com a logística: a incerteza do transporte, o labor com a organização conjunta das agendas pessoais, coletivas e institucionais, a participação dos alunos bolsistas e o gerenciamento de seu aprendizado. Ou seja, as questões a serem programadas quando se trata de produzir qualquer ação extensionista e de ensino. No local, uma geografia específica - a realidade de um espaço aberto, sem paredes, em formato circular, com a interferência de muitos ruídos sonoros (carros, caminhões, ônibus), e visuais (os animais que passam e fazem a festa, os transeuntes que cumprimentam e até a chuva que cai). Todos, elementos a serem considerados para a apresentação do conteúdo e para que se pudesse obter a atenção necessária à

realização das tarefas. Variáveis que foram consideradas no planejamento das atividades da oficina de Introdução às Crônicas no Jornalismo.

Neste sentido, metodologicamente, pode-se organizar o processo em 3 fases: planejamento e preparação dos encontros, efetiva realização da oficina e avaliação da experiência.

No planejamento – após conversa por videoconferência com os professores envolvidos no projeto e, posteriormente, o reconhecimento do local e familiarização com os participantes - aproveitando o encontro de confraternização de fim de ano-, foi possível confirmar alguns dados importantes: a heterogeneidade de etnias e as boas expectativas sobre as ações. Decidiu-se então acrescentar um subtítulo não-formal para a oficina em questão, no qual se enfatizou um convite: Venha contar sua história! Deixando claro que, no começo de tudo, estava a construção de narrativas autobiográficas, a evocação das memórias e lembranças, o registro das percepções do cotidiano, não apenas em seu caráter informacional, mas afetivo, identitário, reflexivo e questionador. Sendo assim, a escolha do gênero textual Crônica estava mais do que justificada, com base em seu modo de contar as coisas do mundo, sem rebuscamentos - com a força de atração da literatura e a urgência do cotidiano nas letras, provocada pelo ponto de vista jornalístico.

Os ingleses talvez carreguem mais no sarcasmo, os franceses talvez apostem na erudição. Problema deles. A crônica brasileira tem uma cara própria, leve, bem humorada, amorosa, com o pé na rua. Quase 150 anos depois de instaurada nos jornais, ela apresenta uma espetacular capacidade de se reinventar e se comunicar com o leitor. (SANTOS,2005,p. 17)

Na efetiva realização da oficina – o que foi feito em apenas 3 encontros vespertinos, optou-se estruturalmente por dois momentos: um explanativo e um redacional. Em todos os explanativos foram apresentadas, enfatizadas e reiteradas as definições do gênero textual, com tópicos históricos contextualizando sua função e estilo de época. O livro de base – por sua constituição de cronologia, foi “As cem melhores crônicas brasileiras”, organizado por Joaquim Ferreira dos Santos (2005). Para otimizar o tempo, foram escolhidas algumas crônicas – projetadas em tela e lidas simultaneamente – tanto para a familiarização com os nomes de famosos cronistas quanto para que se tivesse a experiência do encontro do verbal escrito com a leitura em voz alta e, portanto, a retomada da oralidade.

O que estava em jogo? A importância de se ter contato com as crônicas, a leitura para os ouvidos, a interpretação e expressividade das sensações na mediação entre o contador de histórias e seu público, deixá-los expostos às palavras, comentar algumas intenções, fomentar conversas. No domínio da oralidade, um ponto de encontro suscitado pela didática, e declarado como um tópico de relevância pelos indígenas, pois quando instados a falar sobre suas histórias - as histórias que queriam contar, foi falado que na oralidade, ao contrário da escrita, havia um conforto, uma sensação de facilidade e propriedade, e que almejavam a mesma habilidade na escrita.

A escritora Ursula K. Le Guin, nos fala sobre a importância da compreensão dos fundamentos sonoros como base da relação entre a oralidade e a escrita em seu livro “Steering the Craft”:

O som da linguagem é onde tudo começa. O teste de uma frase é: soa bem? Os elementos básicos da linguagem são físicos: os ruídos que as palavras fazem, os sons e silêncios que fazem os ritmos que marcam suas relações. Tanto o significado quanto a beleza da escrita dependem desses sons e ritmos. Isso vale tanto para a prosa quanto para a poesia, embora os efeitos sonoros da prosa sejam geralmente sutis e sempre irregulares. (Le GUIN,2015)

Na história do desenvolvimento das crônicas e de sua articulação com as práticas do jornalismo, pode-se começar por rememorar sua morfologia e vinculação à mitologia grega e ao deus Cronos, assumindo-se a palavra em latim *chronicus*, e no português crônica. Posteriormente, se fixará a ideia de registrar o ocorrido em um intervalo de tempo, e de servir à preservação da memória, funcionando como um documento que assumiria a função de relato cronológico dos fatos, derivando para os feitos bem sucedidos da história. Um relato a partir da observação do próprio narrador, que poderia ser de observação direta, ou de fontes coligidas junto a protagonistas ou testemunhas oculares. Mas, os cronistas do século XIX irão falar diretamente com o interlocutor, o que irá lhe proporcionar outras características. (SIEBERT,2014,p.676).

Até o início do século XIX, a crônica funcionava como relato histórico, e o destaque era dado aos acontecimentos realizados pelos conquistadores, os colonizadores. Era uma reconstituição, pela escrita, das conquistas à corte. Porém, ao ter contato com as Américas, ou melhor, com o Brasil, o termo passou a funcionar de outra maneira: “a palavra foi ganhando roupagem semântica diferente. ‘Crônica’ e ‘cronista’ passaram a ser usados com o sentido atualmente generalizado na literatura: é um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo”.(COUTINHO,2003,p.120-121 apud SIEBERT,2014,p.677)

Nos momentos da escrita propriamente dita, ou seja, nos textos decorrentes do processo, foi observada a ênfase nas lutas coletivas e pessoais, além de temas que espelhavam modos de perceber e refletir sobre o cotidiano. Orbitaram tematicamente no desafio da conquista do Parque das Tribos como direito legítimo dos indígenas, e em torno das dificuldades de convivência em meio a diversas etnias, com suas discordâncias de pensamento e disputas internas. Afinal, ali convivem no mesmo solo os Tikunas, Muras, Baniwas, Kokamas e muitos outros. Trataram ainda acerca de lembranças, em forma de sutil contemplação do comportamento das crianças convivendo no espaço da “Maloca do Parque das Tribos”, de reminiscências de uma jornada pessoal de conquista do direito à educação em Manaus e declaração de amor aos estudos, de memórias traumáticas da violência sofrida nos embates pela terra, além de outros tópicos significativos.

Ainda nesse momento de redação dos textos, foi verificado que alguns participantes apresentavam dificuldades com a proficiência na escrita da língua portuguesa, referente a questões ortográficas, gramaticais e de coesão e coerência. O que é compreensível e merece um olhar atento para os desafios de uma outra língua que não a de seus ancestrais e que inevitavelmente afeta a expressividade e facilidade comunicacional. Então, nesse ponto, é possível tecer algumas críticas decorrentes da avaliação do processo.

Todas as críticas, diga-se, possuem relação com o tempo disponibilizado, sendo o primeiro comentário atinente à insuficiência do tempo para o amadurecimento da escrita, e por consequência, gerador de uma restrição: a impossibilidade de se editar e finalizar, e a concentração dos esforços apenas na produção de esboços, rascunhos, traços de um texto com potência, que certamente passaria por outras fases de preparação e revisão até chegar em sua versão final. O segundo comentário refere-se a uma participação pequena da comunidade, com presenças aleatórias, criando uma espécie de catálogo de histórias não terminadas, apenas com o início, sem a possibilidade de um término, ou um acompanhamento e orientação mais próximo para a feitura dos textos. Talvez se possa analisar como fatores externos, mas também se pode pensar como limitações do próprio formato de oficina. Afinal, elas se

caracterizam por sua brevidade e, impedem uma convivência mais duradoura de modo a criar conexões mais fortes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jornalismo Indígena – um tema, tópico pouco abordado na sala de aula, no cotidiano acadêmico. Embora, de modo geral, esteja presente como possibilidade de discussão em algumas disciplinas, trata-se de possibilidades episódicas, não sistemáticas, não projetadas em termos político-pedagógicos, não orquestrada hierarquicamente na matriz curricular dos cursos de jornalismo, não ordenada logicamente em unidades específicas do conhecimento. Talvez, encontre-se no viés do Jornalismo Especializado, ou nas disciplinas sobre a Amazônia. Mas, olhando hoje, após a experiência do Parque das Tribos - o que dizer? Talvez este relato de experiência possa assumir um tom ensaístico e dizer então do compromisso ético de assumir o tema e inevitavelmente presumir que as ações continuadas poderão reverberar tanto para os discentes quanto para os docentes.

Na experiência da Oficina de Introdução às Crônicas no Jornalismo, dois mundos convergiram – duas realidades socioculturais distintas: as instituições universitárias envolvidas e a comunidade indígena multiétnica do Parque das Tribos. Neste encontro, sob a demanda específica de se produzir um jornal comunitário, a formalização de uma ação extensionista propiciou a realização de oficinas para a compreensão da perspectiva e do *modus operandi* do jornalismo e de seus jornalistas. A comunicação foi colocada em pauta pela comunidade, e considerada de extrema relevância para o modo de vida local. As atividades oferecidas envolveram estratégias de natureza teórico-prática, abordando temas referentes à cultura, sociedade e política, à produção da notícia, à criação de fotografias, de vídeos e de crônicas. Estas últimas, um misto de jornalismo e literatura, com características específicas no Brasil, com expoentes de relevância tanto no jornalismo como na literatura, unindo a pressa com a qualidade da escrita. Escritas que apoiam e refinam as narrativas do sujeito e da sociedade em que vive.

Neste texto foi evidenciado que nesta trajetória de realização da referida Oficina, as escolhas pedagógicas se concentraram no fortalecimento das narrativas

autobiográficas, e na compreensão das proximidades e potências do cruzamento das linguagens sonoras, visuais e verbais para a comunicação. Contudo, há que se esclarecer que a oficina não é o método, mas o formato no qual a crônica se apresenta como um item significativo para o desenvolvimento humano e sua dimensão cognitiva, no que tange ao fortalecimento de sua memória, identidade e expressão dos sentimentos, tanto no plano individual quanto coletivo.

Por fim, afirma-se como resultado a confirmação de que a crônica pode ser utilizada como um recurso eficaz no processo de ensino-aprendizagem, na possibilidade de construção de um método delineado no equilíbrio entre as dimensões estética, ética e cognitiva quando se objetiva a escrita de narrativas de não-ficção, quando se intenta dar visibilidade aos sentimentos vividos, às jornadas percorridas e à valorização do que nos faz humanos. Subjetividades que se cruzam, histórias que se compartilham. Nenhum dos dois ambientes permanecerá o mesmo após essa experiência.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Islla Pessoa; SOUZA, Samara Fabiane Nunes. **O sagrado da existência: o processo de criação do documentário reflexivo sobre a ligação espiritual e física das populações indígenas com seus territórios**. Relatório técnico de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Camila Leite de Araujo. Manaus-AM; 2021.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Trad.: Maria Adriana Veríssimo Veronese – Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (2ª reimpressão, 2002)

FARIA, Paula Maria Ferreira de; CAMARGO, Denise de; VENÂNCIO, Ana Carolina Lopes (Orgs.) **Vigotski no Ensino Superior: concepção e práticas de inclusão**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. Disponível em: <http://www.editorafi.org>

FREITAS, Ítala Clay de Oliveira. **Metodologias no Ensino Superior: Reflexões a partir da Escrita Criativa e produção de Podcast**. In: Cleber Bianchessi. (Org.). Debates em educação: superando limites, abrindo horizontes, construindo caminhos.. 1ed. Curitiba: Editora Bagai, 2022, v. 1, p. 169-178.

FREITAS, Itala Clay de Oliveira. **Prática Docente na Pandemia: o ensino do audiovisual no curso de jornalismo da Universidade Federal do Amazonas**. In: Carlos Luis Pereira; Márcia Regina Santana Pereira. (Org.). Educação e ensino em tempos

atuais: aprendizagem virtual, metodologias ativas e ensino híbrido. 1ed. Curitiba: Editora Bagai, 2021, v. , p. 58-67.

PRESTES, Z.; TUNES, E. **A trajetória de obras de Vigotski: um longo percurso até os originais.** *Estudos de Psicologia* (Campinas), Campinas, Brasil, v. 29, n. 3, p. 327-340, jul./set. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000300003>. Acesso: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000300003&lng=pt&tlng=pt.

SANTOS, B. de S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos (org.) **As cem melhores crônicas brasileiras.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2005.

SIEBERT, Silvânia. **A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura.** *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 675-685, set./dez. 2014.

LEMOS, P. B. S.; AQUINO, F. J. A. de; SILVA, S. A. da; JUCÁ, S. C. S.; SILVA, F. E. M. da; FREITAS, S. R. de. **O conceito de paradigma em Thomas Kunh e Edgar Morin: similitudes e diferenças.** *Research, Society And Development*, [S.L.], v. 8, n. 10, 27 jun. 2019. *Research, Society and Development*. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v8i10.1321>. Acesso: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=560662201007>

LE GUIN, Ursula K. **Steering the Craft: A 21st-Century Guide to Sailing the Sea of Story.** Acesso: <https://lithub.com/a-writing-lesson-from-ursula-k-leguin/>

VIGOSTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.